

GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA: ESTRUTURA DE QUESTÕES FUNCIONALISTAS EM PROVAS DO ENCCEJA

Daniel Soares Dantas
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
danieldantas513@gmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta a estrutura anatômica de questões envolvendo gramática na prova de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, realizada pelo ENCCEJA. Durante as discussões, fundamentadas nas ideias de autores que versaram sobre texto, contexto, funcionalismo e gramática, foi possível perceber e explicar, a partir de um estudo bibliográfico, qualitativo e concretizado pela análise do exame mencionado, a importância do texto como contribuinte para a contextualização de questões envolvendo gramática. O objetivo foi apresentar como o funcionalismo linguístico baseia a elaboração e se realiza nas análises propostas pelos itens que avaliam questões de gramática na prova do ENCCEJA. Nessa perspectiva, as correntes teóricas que embasam as análises são pautadas principalmente em Neves (2014, 2021), Geraldi (2012), Travaglia (2009) e Antunes (2007, 2014). Como resultado, foi constatado que, pela análise da estrutura das questões, as contextualizações feitas aproximam-se da visão funcionalista para a abordagem da gramática.

PALAVRAS-CHAVE: gramática; funcionalismo; texto; contextualização; ENCCEJA.

CONTEXTUALIZED GRAMMAR: ANATOMY OF FUNCTIONALIST QUESTIONS IN ENCCEJA TEST

ABSTRACT: This article presents the anatomical structure of questions involving grammar in the Portuguese Language Test for Elementary School, carried out by ENCCEJA. During the discussions, based on the ideas of authors who dealt with text, context, functionalism and grammar, it was possible to perceive and explain, from a bibliographic study, qualitative and concretized by the analysis of the aforementioned exam, the importance of the text as a contributor to the contextualization of issues involving grammar. The objective was to present how linguistic functionalism bases the elaboration and is carried out in the analyzes proposed by the items that evaluate grammar issues in the ENCCEJA test. From this perspective, the theoretical currents that support the analyzes are mainly based on Neves (2014, 2021), Geraldi (2012), Travaglia (2009) and Antunes (2007, 2014). As a result, it was found that, by analyzing the structure of the questions, the contextualizations made are close to the functionalist view for the grammar approach.

KEYWORDS: grammar; functionalism; text; contextualization; ENCCEJA.

1 INTRODUÇÃO

O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – ENCCEJA objetiva verificar as competências e as habilidades de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio na idade adequada, de acordo com o que dizem as diretrizes idade-série, e foca, no processo de produção de itens, em desafiar

os estudantes a manifestarem as habilidades desenvolvidas de acordo com cada área do conhecimento. Nesta discussão, destacaremos as questões elaboradas para a prova de Língua Portuguesa, sobretudo aquelas que exploram conteúdos gramaticais como os de ordem fonológica, sintática ou semântica. A ideia é fazer uma reflexão acerca da estrutura desses itens avaliativos, chamando a atenção para a presença do texto como ponto de partida para as análises das questões.

Decerto, a partir do que se tem observado nas avaliações de larga escala, aplicadas a estudantes da educação básica, podemos dizer que há uma forte preocupação em apresentar as questões/itens envolvendo gramática de forma contextualizada. Afinal, o que seria contextualizar a gramática em um exame avaliativo de Língua Portuguesa? A resposta ao questionamento parece óbvia se levarmos em consideração a fragmentação da palavra *con + texto*. Temos, aí, uma explicação rápida e resumidora do que pretendemos refletir neste trabalho: as questões de gramática nas avaliações realizadas pelo ENCCEJA do Ensino Fundamental são estruturadas a partir de textos, o que nos leva a afirmar que são contextualizadas, não pela presença de determinado gênero, mas pelo que se evidencia nas questões, o uso, permitindo que o estudante analise a forma com foco na função que está exercendo no contexto apresentado.

Essa abordagem, na qual a função é tida como centro da análise nas questões, relaciona-se diretamente à teoria funcionalista em que, de acordo com Pezzati (2005, p. 168), “a linguagem é vista como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exercem”, havendo, pois, um interesse no caráter pragmático da linguagem para além da estrutura, uma vez que o contexto é, também, lugar de análise nessa abordagem. A partir dessa afirmação, percebemos a relevância que tem essa teoria para demarcarmos um lugar de fala sobre as questões de gramática presentes em provas realizadas pelo ENCCEJA,

haja vista a necessidade de um olhar atento para a estrutura dos itens que serão analisados, elaborados a partir de um gênero textual que, por sua vez, contribui para a resolução das questões, justamente pelo direcionamento reflexivo da língua.

De acordo com a discussão inicial deste trabalho nos pontos “contextualização”, “ENCCEJA” e “gramática”, temos a seguinte questão norteadora: é possível, pela análise de questões de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental envolvendo gramática, em provas do ENCCEJA, descrever uma anatomia estrutural do que seria um item avaliativo contextualizado e funcionalista? Tal questão poderá ser respondida depois de feita uma curadoria de questões no banco de dados de provas realizadas por esse exame. Nesse sentido, queremos justificar que a escolha dessa avaliação, dentre tantas outras realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira – INEP, deu-se em virtude da opção pelo Ensino Fundamental e, mais ainda, pela acessibilidade, tendo em vista que é possível encontrar, facilmente, provas realizadas em quase todas as edições na própria página do INEP.

Por conjectura, podemos afirmar que, tendo em vista as reflexões que são realizadas previamente à elaboração desses itens, com base nos documentos legais sobre ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), por exemplo, e nas reflexões propostas por estudiosos da área, reveladas em publicações de diferentes naturezas, a abordagem gramatical encontra-se imersa na corrente funcionalista, de orientação norte-americana, a exemplo de Givón (1995, 2001), na qual as reflexões sobre o uso e o emprego de determinados elementos servem à comunicação.

Assim, objetivamos com esta pesquisa apresentar, a partir do detalhamento da estrutura de questões de Língua Portuguesa, encontradas em provas do ENCCEJA, como o

funcionalismo linguístico baseia a elaboração e se realiza nas análises propostas pelos itens que avaliam questões de gramática. De forma específica, cabe fazer uma reflexão acerca da importância do texto como recurso para a contextualização das questões. Ainda, evidenciar que, embora a expressão “funcionalismo” não esteja explícita, essa teoria está presente nos itens de gramática contextualizada, o que aproximará a discussão de usos linguísticos à importância do contexto.

Para alcançar esses objetivos, construímos um *corpus* a partir de uma curadoria de questões de Língua Portuguesa elaboradas pelo ENCCEJA entre os anos 2017 e 2020. É importante destacar que apenas os dois itens, apresentados como exemplos na seção de análise, não dão conta de aprofundar a análise da presença do funcionalismo em questões contextualizadas de gramática, pois não é intenção nossa, dada a extensão do gênero artigo, fechar um posicionamento, mas apresentar evidências dessa abordagem presente na prova.

Em relação à maneira como procedemos, este estudo é bibliográfico, pois amplia discussões “a partir de material já publicado” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54), desenvolvendo-se da seguinte forma: inicialmente, escolheremos questões de Língua Portuguesa (gramática) das últimas três edições da prova do Ensino Fundamental ENCCEJA, para verificar a estrutura das questões, seguindo os critérios construídos a partir de um estudo desenvolvido por Neves (2021), no qual a autora chama a atenção para a gramática como objeto de análise. Na abordagem, a pesquisadora elenca três postulados, com base na teoria funcionalista, que permitem enxergar uma melhor “operacionalização” da análise linguística em nível escolar. Aqui, adaptamos da seguinte forma: 1) O texto que acompanha cada item dá conta de organizar informações necessárias à sua resolução? 2) A organização da questão permite que o leitor perceba a interação linguística evidenciada? 3) O texto dá pistas semânticas para a análise do aspecto gramatical? Com base nessas

questões abrangentes, olharemos para cada item selecionado, buscando, na estrutura, o foco funcionalista.

O percurso deste trabalho está organizado, ao todo, em cinco seções. Na primeira, que consiste nesta introdução, apresentamos o objeto de estudo e seu objetivo. Na segunda, situamos o leitor no lugar de fala, ou seja, a teoria que embasa a nossa análise, o funcionalismo. Na terceira seção, explicaremos o que é gramática contextualizada e de que forma as questões devem ser estruturadas para figurarem como tal. Na quarta, focamos na análise de questões de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental das três últimas edições do ENCCEJA, a fim de ilustrar e detalhar a estrutura de itens que exploram gramática na perspectiva funcionalista. Na última seção, estão as nossas considerações finais.

2 PONTO DE PARTIDA: O FUNCIONALISMO E A RELAÇÃO TEXTO-GRAMÁTICA

O funcionalismo é uma corrente linguística que atribui à gramática uma visão dinâmica ao considerar os contextos de uso como um elemento determinante para o entendimento de que a função precede a forma (GIVÓN, 2001). A respeito dessa afirmação, Castilho (2012, p. 21) acrescenta que “a pesquisa funcionalista, portanto, concentra-se no esclarecimento das relações entre forma e função, especificando aquelas funções que parecem exercer influência na estrutura gramatical”. Trata-se, pois, de uma relação marcada pela participação direta do falante; é ele o condutor da análise das construções de interação comunicativa.

Com efeito, desconsiderar a participação do sujeito e fazer uma análise meramente formal não condiz com o que pretende a visão funcionalista, uma vez que os contextos contribuem para as observações e discussões mais profícuas das atividades linguísticas.

Nessa perspectiva, direcionamos a nossa concepção da gramática e de investigação sobre a língua para a centralidade de qualquer análise de enunciado no texto, sendo ele um materializador das relações discursivas (MARCUSCHI, 2008). Sob esse viés, adotamos uma concepção de gramática cujo contexto é imprescindível para a reflexão sobre a interação comunicativa.

Sobre essa visão de gramática aqui adotada, Travaglia (2009) afirma que:

Nessa concepção de gramática, não há erro linguístico, mas a inadequação da variedade linguística utilizada em uma determinada situação de interação comunicativa, por não atendimento das normas sociais de uso da língua, ou a inadequação do uso de um determinado recurso linguístico para a consecução de uma determinada intenção comunicativa que seria melhor alcançada usando-se outro(s) recurso(s). (TRAVAGLIA, 2009, p. 29).

Dessa forma, essa concepção de gramática está intimamente relacionada aos estudos sobre funcionalismo: observação do funcionamento da língua situado nas condições discursivas dos usos (NEVES, 2021). Sendo assim, toda comunicação é mediada pelos textos, atrelando-se à conciliação entre o conhecimento prévio do sujeito, oriundo das experiências acumuladas, e uma organização explícita, marcada pela presença da construção coesa e coerente. A partir dessa noção de texto, centramos o ponto de reflexão desta pesquisa: é possível, pela análise de questões de Língua Portuguesa envolvendo gramática, em provas do exame ENCCEJA, descrever a estrutura do que seria um item avaliativo contextualizado e funcionalista?

Essa pergunta desencadeia a necessidade de reafirmação do texto como objeto central para as discussões funcionalistas, uma vez que são carregados de intenções motivadas pelos propósitos comunicativos, pelos usos. Nesse sentido, texto e gramática se entrecruzam a serviço da comunicação, isto é, não há como inferir, afirmar, conceituar,

refletir qualquer elemento constituinte de uma frase que compõe o todo do texto – na perspectiva funcionalista – sem se ater ao contexto, elemento esse que só é possível resgatar quando olhamos para a totalidade da construção textual.

3 A GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADA: O QUE É E POR QUE É IMPORTANTE?

Vários estudiosos têm se dedicado a descrever como acontece o ensino de gramática na escola (GERALDI, 2012; POSSENTI, 2002; TRAVAGLIA, 2009). No conjunto das discussões, teóricos e professores da Educação Básica se dedicam a entender quais entraves ainda existem para que esse ensino se dê a contento, isto é, a busca por um caminho metodológico adequado para o estudo da estrutura da língua a serviço do desenvolvimento da competência comunicativa do estudante. Nesse enquadramento, insere-se a reflexão acerca da prática de análise linguística como atividade das práticas de trabalho com a gramática com vistas a tornar o ensino desse eixo mais eficiente. Sobre tal prática, Geraldi (2012) esclarece que

O uso da expressão “prática de análise linguística” não se deve ao mero gosto por novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações discursos direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações; etc. Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina. (GERALDI, 2012, p. 74 – destaques do autor).

Esse conceito do que venha a ser análise linguística como prática das aulas de gramática aponta o texto como objeto concomitante de estudo para a reflexão sobre a língua. Essa perspectiva do autor corrobora com o que os documentos legais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2018), norteadores das construções curriculares e das práticas pedagógicas, sugerem, como sintetizado por Franchi (1987), a importância de canalizar as ações envolvendo o estudo gramatical para o uso da linguagem.

A partir da leitura de ambos os documentos (PCN e BNCC), podemos afirmar que há, ainda, a valorização do trabalho com a língua centrada no uso. Antes, nos PCN, essa noção era dita de forma mais abrangente, o que possivelmente possa ter gerado alguns equívocos em algumas práticas docentes: ensinar ou não a gramática? A BNCC, documento mais recente, explicita a prática da análise linguística de forma mais detalhada quando, em determinada seção do documento, destina um lugar para as habilidades a serem desenvolvidas em cada etapa. Tais habilidades dialogam com a ideia de substituição de práticas de memorização de regras pela reflexão e compreensão das formas adaptadas aos usos.

Vejamos como essas visões se apresentam, de forma sintetizada, nos documentos mencionados:

Não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. (BRASIL, 1998, p. 23).

Se uma face do aprendizado da Língua Portuguesa decorre da efetiva atuação do estudante em práticas de linguagem que envolvem a leitura/escuta e a produção de textos orais, escritos e multissemióticos, situadas em campos de atuação específicos, a outra face provém da

reflexão/análise sobre/da própria experiência de realização dessas práticas. Temos aí, portanto, o eixo da análise linguística/semiótica, que envolve o conhecimento sobre a língua, sobre a norma-padrão e sobre as outras semioses, que se desenvolve transversalmente aos dois eixos – leitura/escuta e produção oral, escrita e multissemiótica – e que envolve análise textual, gramatical, lexical, fonológica e das materialidades das outras semioses. (BRASIL, 2018, p. 80).

Com base nessas assertivas dos PCN, sobre gramática, e da BNCC, com a prática da análise linguística, podemos afirmar que ambas as análises coincidem com o pensamento funcionalista para a abordagem dos aspectos da língua, para o qual é caro o contexto, o uso. Em outras palavras, sem voltar-se para a totalidade do texto como objeto concreto de acontecimentos e aparição dos aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos, o trabalho volta ao mecanicismo criticado por estudiosos como Neves (2021) e Antunes (2007), quando afirmam a importância da centralidade no texto e no desenvolvimento da competência comunicativa para evitar a prática equivocada de retirar frases dos seus lugares de ocorrência, os textos, para analisá-las isoladamente. Para Neves (2014, p. 115), “privilegiar a reflexão é exatamente a razão de preconizar-se um tratamento de gramática que vise ao uso linguístico”.

Nessa perspectiva, Antunes (2014, p. 39) ressalta que a gramática é um eixo da língua que está sempre presente em um determinado contexto. Segundo a autora, “nada do que dizemos – oralmente ou por escrito – acontece em abstrato, fora de uma situação concreta de interação”. Dito isso, ratificamos a importância do trabalho com a gramática revelada em textos. Agora, partimos para a noção que temos (e a certeza que devemos ter) sobre o que é uma gramática contextualizada, quando é exemplificada em itens avaliativos. Queremos, pois, tecer algumas considerações acerca da anatomia de algumas questões, envolvendo aspectos gramaticais, presentes em provas do ENCCEJA na etapa do Ensino Fundamental, nos anos finais.

À luz de tudo o que já foi colocado em relação à importância do texto como elemento contextualizador e da teoria funcionalista, que evidencia a dinamicidade provocada pelas situações reais de uso da língua, é importante evidenciar que as habilidades avaliadas nos itens devem contribuir para a verificação do que o sujeito pensa em relação à língua que usa, ou seja, a gramática presente nas questões deve provocar reflexões sobre o porquê de, por exemplo, em um determinado contexto, o autor do texto ter usado “*porém*” no lugar de “*mas*”, embora desempenhem, do ponto de vista da gramática normativa, o mesmo valor semântico. Análises como essa, em que o sujeito é desafiado a pensar sobre usos e escolhas, precisam encabeçar a elaboração dos itens em provas/exames.

Nessa linha de pensamento, Antunes (2007) alega que

[...] a língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem à determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais que isso. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. (ANTUNES, 2007, p. 22).

Para não esquecer, o que está em pauta aqui nesta discussão é a presença da gramática, nas questões avaliativas, de forma contextualizada, o que em nada se assemelha a ideia de desprezá-la enquanto eixo importante das aulas e provas de Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, “uma gramática contextualizada é uma gramática dos usos” (ANTUNES, 2014, p. 40), e essa noção de aplicabilidade da gramática fica mais evidente quando conseguimos fazer análises a partir de textos, uma vez que, dado o contexto, podemos classificar, conceituar ou comparar de forma mais segura determinado objeto gramatical de estudo.

Também, é válido reforçar que nem todo item avaliativo que possui um texto em sua composição pode ser caracterizado como contextualizado. Isso fica evidente quando lembramos o que diz Geraldi (2012) sobre a noção de contexto como algo que valoriza o propósito do texto em análise, evidencia as características do gênero e consegue relacionar tudo isso – ao mesmo tempo ou separadamente - aos efeitos que determinado elemento gramatical em análise desempenha ou auxilia. Uma gramática contextualizada seria, então,

[...] uma perspectiva de estudo dos fenômenos gramaticais, ou uma estratégia de exploração do componente gramatical do texto, tomando, como referência dos seus valores e funções, os efeitos que esses fenômenos provocam nos diversos usos da fala e da escrita. [...] é a gramática a serviço dos sentidos e das interações que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer. (ANTUNES, 2014, p. 46 – 47).

Seguramente, podemos afirmar que, fora dessa noção, qualquer tentativa de “contextualização” que despreze a relação do texto com o objeto de estudo gramatical é apenas um artifício, um adorno que não completa a relação texto-gramática. Ainda, pode ser outra perspectiva de abordagem do texto em questões com foco no item gramatical, mas, por ora, não vamos nos debruçar nessa possibilidade de concepção diferenciada. Na continuação dessa discussão, veremos como, a depender da relação que se estabelece entre texto e análise gramatical, a estrutura do item nos permite exemplificar e descrever o que seria uma questão avaliativa com a abordagem funcionalista da gramática.

4 ESTRUTURA RECORRENTE DE QUESTÕES CONTEXTUALIZADAS

Como já foi dito, o ENCCEJA se autoexplica pela definição da abreviatura Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, cujo intuito é oportunizar a jovens e adultos, que não concluíram seus estudos na idade estabelecida

pelas diretrizes legais, uma certificação que atesta as habilidades necessárias, nas quatro áreas do conhecimento, para avançar para o Ensino Médio, no caso dos estudantes que fazem o exame do Ensino Fundamental, e de conclusão do Ensino Médio para aqueles que já estão nessa etapa. A prova de Linguagens é composta por itens que avaliam os conhecimentos de Língua Portuguesa, Educação Física, Línguas Estrangeiras e Arte, além da produção de uma redação dissertativa-argumentativa.

Afunilando a nossa análise, queremos, nesta seção, apresentar duas questões/itens que ilustrem a discussão empreendida ao longo deste trabalho, lembrando a afirmação de que a abordagem gramatical se encontra imersa na corrente funcionalista, na qual as reflexões sobre o uso, isto é, o emprego de determinados elementos, servem à comunicação. A ideia é mostrar como as questões de Língua Portuguesa que envolvem conteúdos gramaticais estão organizadas com vistas a ratificar a noção de funcionalismo linguístico já mencionada.

Assim, optamos pela prova do ENCCEJA do Ensino Fundamental por haver a possibilidade de acesso ao material de várias edições (desde 2017) disponibilizado pelo INEP. Apesar de não mostrarmos todas as questões nesta análise – até mesmo pelos limites estruturais deste trabalho - percebemos que a mesma concepção de língua e de gramática se mantém, atrelando-se aos pressupostos funcionalistas. Nesse sentido, as duas questões que exemplificarão as explorações realizadas dão conta de revelar a estrutura das demais questões.

Ainda, lembrando a visão de Neves (2021), em que a autora proporciona, a partir da eleição de critérios, perceber a operacionalização da análise linguística: 1) O texto que acompanha cada item dá conta de organizar informações necessárias à sua resolução? 2) A organização da questão permite o aluno/candidato perceber a interação linguística

evidenciada? 3) O texto dá pistas semânticas para a análise do aspecto gramatical? Vale lembrar que esses critérios foram adaptados para contemplar o objetivo central desta análise: identificar a estrutura de questões gramaticais com evidências funcionalistas.

Figura 1 - Questão ENCCEJA

QUESTÃO 21



CUSTÓDIO. Disponível em: www.custodio.net. Acesso em: 30 ago. 2013 (adaptado).

Na tirinha, Beto Boleiro descreve como é sua rotina semanal. A partir do segundo quadrinho, o pronome "eu" foi omitido, pois as

- ☐ A atividades descritas são corriqueiras na vida do leitor.
- ☐ B informações presentes nos verbos identificam quem fala.
- ☐ C marcas de primeira pessoa são desnecessárias em metáforas sobre futebol.
- ☐ D indicações de primeira pessoa são exclusivamente expressas por pronomes.

Fonte: INEP/2020

Explicitamente, a questão apresenta os quatro elementos citados pelo Banco Nacional de Itens – BNI. O texto base é o gênero tirinha e retrata, de maneira cômica, a rotina da personagem Beto Boleiro. No contexto, o autor usa o discurso direto, ou seja, a própria personagem é a emissora da sua fala, o que justifica o conteúdo gramatical presente, o emprego de pronomes. O texto, composto por falas em primeira pessoa, está intimamente relacionado aos conceitos e procedimentos anunciados pelo direcionamento do item. Nele, o candidato terá de escolher a alternativa que melhor responda à justificativa pela omissão do pronome “eu”, a partir da segunda cena da tirinha.

Nesse item, encontramos a abordagem funcionalista incorporada à gramática, justamente por haver uma relação direta com a situação de uso. Na cena, a omissão do pronome ocorre justamente pelo que declara Neves (2021, p. 103), quando trata da questão

da referenciação textual: “Tanto nos enunciados da língua falada como nos da escrita constrói-se uma teia referencial por introdução e manutenção de referentes textuais”. Nesse sentido, o texto dialoga com o conteúdo, uma vez que não foi usado apenas para a extração de um item a ser analisado; é ele (o item) o condutor da ideia central do texto, que é mostrar as situações de rotina vivida por uma mesma pessoa, demarcadas pelo pronome “eu” e sua respectiva estratégia intencional de omissão.

Figura 2 - Questão ENCCEJA

QUESTÃO 26

Visita do compadre

Um homem que morava na cidade teve um dia vontade de sentir o cheiro do mato. Ao chegar no interior onde vivia seu compadre Bastião, foi encontrá-lo na roça. Resolveu, depois de muitas conversas, brincar de antônimo com o amigo:

- O compadre sabe o que é antônimo?
- Num sei não.
- É o oposto, vou dar uns exemplos: o antônimo de gordo é magro, de fraco é forte, de rico é pobre. Entendeu?
- Agora eu já sei, cumpade! E vou lhe perguntar: ocê sabe o antônimo de fumo?
- Mas... fumo não tem antônimo, fumo é o que você planta.
- É não, sô! O contrário de fumo é vortemo.

Disponível em: www.mundolettras2009.blogspot.com.br. Acesso em: 8 set. 2013 (adaptado).

Nessa conversa entre um homem do campo e um homem da cidade, o efeito humorístico é consequência do

- A** emprego de palavras que apresentam sentidos semelhantes na fala dos personagens.
- B** uso da variedade popular da língua pelo personagem da cidade, para aproximar sua fala da fala de seu amigo do campo.
- C** emprego da variedade culta da língua pelo personagem da cidade, para facilitar a comunicação com seu amigo do campo.
- D** uso de um vocábulo característico do falar regional, que se iguala a outro vocábulo na fala, mas mantendo sentidos diferentes.

Fonte: INEP/2017

No item apresentado, também identificamos a presença dos elementos necessários para a composição da questão, de acordo com o BNI. Quanto ao conteúdo gramatical, este está organizado sob a ótica da metalinguagem, pois o conteúdo da conversa entre as duas personagens, homem do campo e homem da cidade, apresenta o conceito do que seria antônimo. Além disso, detectamos a valorização do fenômeno da variação linguística, algo tipicamente caro ao funcionalismo por revelar uma situação real e possível de ocorrência de uso do jogo semântico “fumo” e “vortemo”.

Sobre esse aspecto, Martelotta (2008) destaca que a língua em uso reflete a noção de linguagem “como um elemento criador de significação dos diferentes contextos de uso. Assim, passa-se a observar não apenas a palavra ou a frase, mas o texto, o qual reflete um conjunto complexo de atividades comunicativas (MARTELOTTA, 2008, p. 77). Nessa visão, quando entendemos que, para a compreensão do efeito de humor, causado pelo emprego dessas duas palavras, precisamos recorrer à totalidade do texto, desde as construções simbólicas provocadas pelo conhecimento prévio do leitor do que venha a ser um homem do campo (e sem escolarização) até o conhecimento linguístico-gramatical do conceito e do emprego de antônimos, aproximamos a questão da abordagem funcionalista. Trata-se, pois, da análise do contexto, oferecido pelo texto base, e da junção ao conteúdo gramatical, “sem perder de vista o todo do texto, seu eixo temático, seu(s) propósito(s) comunicativo(s), suas especificidades de gênero; os interlocutores previstos, o suporte em que vai circular, etc.” (ANTUNES, 2014, p. 47).

Portanto, fica evidente, pela análise da anatomia das questões presentes na prova do ENCCEJA do Ensino Fundamental, a presença da visão funcionalista atribuída à gramática, bem como a importância do contexto, produzido pela inserção dos textos base, para a construção de um item com conteúdo gramatical contextualizado. Retomando as perguntas feitas a partir de Neves (2021), podemos respondê-las da seguinte forma: 1) O texto que acompanha cada item dá conta de organizar informações necessárias à sua resolução, pois o conteúdo temático de cada um deles aponta para o conteúdo gramatical em evidência. 2) A organização da questão permite o aluno/candidato perceber a interação linguística evidenciada, justamente porque a gramática “está vinculada à produção de sentidos numa situação de interação” (ANTUNES, 2014, p. 50). 3) O texto dá pistas

semânticas para a análise do aspecto gramatical, o que justifica a escolha do elaborador do item para explorar o aspecto da gramática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, as questões de Língua Portuguesa envolvendo gramática, elaboradas pelo INEP para a realização de provas do ENCCEJA, dialogam com a concepção de gramática que valoriza o contexto de uso da língua. Tal questão está concatenada, ainda, ao que dizem os documentos legais que direcionam a construção dos currículos e, por conseguinte, a escolha das abordagens no tratamento didático dado ao ensino de gramática, como os PCN e a BNCC. Em ambos os documentos, (embora a BNCC apresente de forma mais genérica), a prática de análise linguística está para a inserção das questões tradicionais da gramática a propósito do texto, objeto de estudo materializador das situações interativas de comunicação, de uso da língua.

Durante as discussões fundamentadas nas ideias de autores que versaram sobre texto, contexto, funcionalismo e gramática, foi possível perceber e explicar, a partir de uma análise anatômica das questões de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, envolvendo gramática, em provas do ENCCEJA, o que é um item avaliativo contextualizado e funcionalista. Responder a esse questionamento foi o que direcionou a metodologia do trabalho, que começou pela curadoria de questões em provas do exame, disponíveis no portal do INEP, seguido das leituras teóricas para dar credibilidade às análises.

Nesse sentido, à vista desses detalhes, o nosso objetivo geral, apresentar como o funcionalismo linguístico baseia a elaboração e se realiza nas análises propostas pelos itens que avaliam questões de gramática na prova do ENCCEJA, foi cumprido, uma vez que conseguimos mostrar, com exemplos concretos, de que forma tal pensamento se evidencia

nas questões escolhidas. Porém, apesar de termos logrado nosso intuito, é salutar lembrar que esta pesquisa não tem a pretensão de fechar um diagnóstico sobre o que seria um item gramatical contextualizado e funcionalista, tendo em vista que se trata de um objeto de estudo relativamente complexo. Mas, por ora, contentamo-nos por poder constatar a hipótese levantada e sugerir, para futuras pesquisas similares, um percurso metodológico de análise como foi apresentado neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Gramática Contextualizada**: limpando o “pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. *et. al.* (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012.
- FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. Trabalhos de Linguística Aplicada, Campinas, SP, n. 9, 1987.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). ENCCEJA. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja> . Acesso em: 10 abr. 2022.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PEZZATI, Erotilde G. O funcionalismo em linguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2005.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2009.

RECEBIDO EM: 22 abril de 2022
APROVADO EM: 21 julho de 2022
Publicado em setembro de 2022